

Gustav Theodor Fechner, pintado por seu irmão Eduard Clemens Fechner, em 1848.

## Paralelismo Psicofísico (1860)

**Gustav T. Fechner (1801-1887)**

Trechos de FECHNER, G.T. (1966), *Elements of psychophysics*, vol. I, trad. H.E. Adler, Holt, Rinehart & Winston, New York, Prefácio e Cap. I (orig. em alemão: 1860). Seguidos de trechos do estudo de HEIDELBERGER, M. (2004), *Nature from within: Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview*, trad. C. Klohr, U. Pittsburgh Press, cap. 5 (orig. em alemão: 1993). Este capítulo foi publicado como artigo, disponível na internet: “The mind-body problem in the origin of logical empiricism: Herbert Feigl and psychophysical parallelism”.

Tradução para o português feita por Osvaldo Pessoa Jr., para o curso de Filosofia e História da Ciência Moderna (FLF0449), 1º semestre de 2012.

Talvez o leitor espere aqui uma declaração da posição que este trabalho adota com respeito ao materialismo e ao idealismo, e também com respeito à questão básica da religião, na qual toda investigação da relação entre corpo e mente deve necessariamente tocar. Com relação ao primeiro problema, esta investigação não se propõe a assumir uma posição na controvérsia sobre a relação básica entre cérebro e mente, uma questão que divide materialistas e idealistas. As implicações e consequências desta investigação não serão enviesadas em nenhum dos dois sentidos, pois este trabalho considera a relação empírica entre os dois lados da existência como uma relação funcional, que por si mesma exclui a ênfase em um dos lados (FECHNER, [1860] 1966, p. xxx).

[...] O que para você aparece como sua mente, a partir da perspectiva interna, onde você próprio é esta mente, por outro lado aparecerá da perspectiva externa como a base material desta mente. Há uma diferença entre pensar com o cérebro e examinar o cérebro de uma pessoa pensante. Estas duas atividades parecem ser bem diferentes, mas os pontos de vista também são bem diferentes, pois em um caso a perspectiva é interna, noutra é externa. [...] A aparência da mente para si própria é obtida do ponto de vista verdadeiramente interno do ser subjacente com respeito a si mesmo, como estando em coincidência consigo próprio, ao passo que a aparência do estado material que lhe pertence deriva de uma perspectiva que é verdadeiramente externa, e não em coincidência (p. 3).

Torna-se agora óbvio porque ninguém jamais pode observar mente e corpo simultaneamente, apesar de eles estarem inextricavelmente unidos, pois é impossível que alguém esteja fora e dentro da mesma coisa, ao mesmo tempo. [...]

Um item adicional: corpo e mente são paralelos; alterações em um correspondem a alterações no outro. Por quê? [Reconta a analogia dos dois relógios sincronizados, de Leibniz, envolvendo as concepções do interacionismo, ocasionalismo e harmonia pré-estabelecida ...] Leibniz deixou de fora um ponto de vista, o mais simples de todos. Os relógios podem marcar o tempo de maneira harmoniosa – de fato, sem nunca diferirem – porque na verdade eles não são dois relógios [mas apenas um]. Podemos assim dispensar o mecanismo de interação, o ajuste constante e a artificialidade do arranjo pré-estabelecido (p. 4).

As ciências naturais empregam consistentemente a perspectiva externa em suas considerações, e as humanidades a interna. As opiniões comuns do dia-a-dia são baseadas em mudanças dessas perspectivas, e a filosofia natural na identidade do que

aparece duplo a partir de duas perspectivas. Uma teoria da relação entre mente e cérebro terá que traçar a relação dos dois modos de aparência de uma só coisa, que é uma unidade.

Estas são minhas opiniões fundamentais. [...] Na medida em que se aceite uma relação empírica entre corpo e mente, e sua investigação empírica for permitida, não há objeções em se adotar mesmo a mais complicada das representações [metafísicas]. No que se segue, basearemos nossa investigação apenas em relações empíricas entre corpo e mente, e além disso adotaremos as expressões mais comuns para designar esses fatos, apesar de estes serem apresentados mais em termos da abordagem dualista do que da minha abordagem monista. A tradução de uma para outra é fácil (p. 6).



Trechos de HEIDELBERGER  
(2007, pp. 168-74)



O paralelismo psicofísico foi estabelecido e desenvolvido pelo físico, filósofo e psicólogo Gustav Theodor Fechner. A primeira menção de sua teoria ocorreu tão cedo quanto a década de 1820, mas o seu conteúdo tornou-se bem conhecido em seu trabalho de maturidade, *Elementos de psicofísica* (1860). Esta obra marca um ponto de virada da história da psicologia experimental e quantitativa, e defendo que ela também marca um momento crucial na história do debate mente-corpo e na história ou – se se preferir – na pré-história da filosofia científica em geral. [...] (pp. 168-9)

O próprio Fechner não usou o termo “paralelismo psicofísico” para designar seu ponto de vista. Meu palpite é que esta designação foi extraída do livro de Alexander Bain, *Mente e corpo* (1874), publicado numa tradução alemã autorizada catorze anos depois da obra principal de Fechner; mas pode ser também atribuída ao incansável psicólogo Wilhelm Wundt.

Uma difundida concepção errônea na literatura de língua inglesa confunde este tipo de paralelismo com formas da doutrina cartesiana das duas substâncias não-interagentes, como o ocasionalismo ou a harmonia pré-estabelecida. O paralelismo psicofísico significa justamente o oposto: ele nega a divisão cartesiana de mundo entre uma substância extensa (a matéria) e uma substância inextensa (a mente). Mesmo que esta concepção seja congruente com a noção de Leibniz de uma acausal “conformidade da alma e do corpo orgânico”, ao mesmo tempo ela rejeita completamente a explicação teológica e metafísica que Leibniz forneceu para ela. O paralelismo psicofísico tem uma explicação inteiramente diferente. Ele propõe uma espécie de *dualismo de aspectos* [atributos] que deve ser estritamente distinguida do que preferencialmente se chama “paralelismo cartesiano”.

De fato, é melhor distinguir três espécies diferentes de paralelismo psicofísico (não só com respeito a Fechner, mas em geral), cada qual erguido sobre o anterior. A forma *primária* de paralelismo psicofísico é um *postulado empírico* – uma regra metodológica para investigar a relação mente-corpo, afirmando que há uma correlação consistente entre os fenômenos mental e físico. No corpo humano vivo, eventos ou processos mentais são acompanhados regularmente, e de acordo com uma lei, por eventos e processos físicos no cérebro; ou, como colocou Fechner, ambos são “funcionalmente dependentes”. [...] (p. 169)

É importante salientar que dependência funcional entre o mental e o físico não diz nada sobre a natureza causal da relação; influência causal não é nem afirmada, nem negada. Este tipo de paralelismo psicofísico se abstém de qualquer interpretação causal da relação mente-corpo. Fechner disse que ela é neutra com respeito a todo “fechamento metafísico” imaginável que lhe seja compatível. Esta variedade de paralelismo constitui

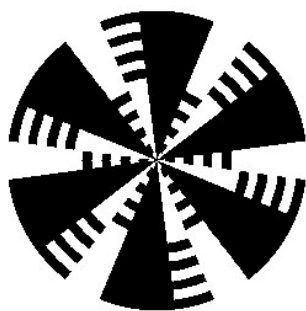
o fundamento factual de toda e qualquer explicação ambiciosa da relação existente entre o corpo e a mente, independente de se tais explicações acabem sendo causais e interativas. [...] (pp. 169-70)

[... Este sentido de paralelismo psicofísico] deve ser tomado como uma descrição livre de metafísica, de fenômenos sobre os quais qualquer teoria mente-cérebro, avançada e cientificamente reconhecida, deve ser fundada. Em seu esforço de enunciar claramente – sem qualquer recurso à metafísica – como o mental depende do físico, Fechner chegou bem perto do que hoje chamamos “superveniência”.

[...] A *segunda* forma, mais forte, do paralelismo psicofísico é uma *teoria metafísica* sobre a relação entre o corpo e a mente. Ela adiciona à forma primária de paralelismo uma certa interpretação, ou a põe em destaque, fornecendo uma explicação metafísica para a suposta correlação. Fechner chamou esta sua interpretação de “visão da identidade” do corpo e da alma. Ela fornece uma sustentação filosófica para a dependência funcional, incluindo as seguintes teses: (1) um ser humano vivo não deve ser considerado um conglomerado de duas substâncias – um ser humano é uma entidade única; (2) as propriedades desta entidade são consideradas mentais quando são percebidas internamente, ou seja, da perspectiva da própria entidade; e (3) a entidade é considerada algo físico quando ela é vista externamente, ou seja, de uma perspectiva que não é a perspectiva da própria entidade. O mental e o físico são portanto dois aspectos diferentes de uma e a mesma entidade. Esta posição é às vezes chamada de teoria do duplo aspecto ou, mais corretamente, de “doutrina das duas perspectivas” (p. 170).

Esta segunda forma de paralelismo psicofísico abandona a neutralidade da primeira forma, e adota uma postura a respeito da natureza da relação mente-corpo. Ela é definida como acausal, e portanto não é interacionista. Mas essa interpretação acausal não é meramente postulada *per fiat*, como no caso do paralelismo cartesiano; pelo contrário, ela resulta da definição do psíquico e do físico em termos da perspectiva em que algo é dado. [...]

Obviamente, a concepção da identidade metafísica não é o único melhoramento logicamente possível do paralelismo empírico. O materialismo redutivo e o interacionismo cartesiano também podem ser vistos como complementações dele. Todas essas teorias construídas a partir do paralelismo empírico Fechner considera metafísicas, não porque elas careçam de significância empírica ou porque elas sejam especulativas, mas porque, em última análise, nenhuma experiência finita pode prová-las (p. 171).



Ilusão de cores, com movimento do padrão em preto e branco, estabelecido por Fechner (1838).

Alguns dos benefícios do paralelismo psicofísico apresentado como um postulado empírico também podem ser encontrados no paralelismo psicofísico apresentado como uma visão da identidade. Em primeiro e principal lugar, a visão da identidade fornece uma maneira não-arbitrária de definir aquelas afirmações do materialismo que são razoáveis, assim como impõe limites nele. Ela permite um materialismo não-redutivo e descarta o materialismo redutivo rudimentar, sem se tornar um antimaterialismo. O materialismo pode assim ser sustentado como um caminho de pesquisa, sem que seja mantido como uma doutrina metafísica universal. Outra

vantagem importante é que esta postura confere à psicologia a autonomia que ela requer para explicar o mental e sua realidade fenomênica sem colidir com a causalidade da realidade física. E, por último, a noção fornece o benefício adicional de não infringir a autonomia da filosofia. A filosofia não fica condenada ao ceticismo, mas pode trabalhar

numa explicação razoável para a relação mente-corpo, que vá além da descrição científica neutra (pp. 171-2).

É digno de nota que Ernst Mach, um dos primeiros e mais entusiasmados devotos do paralelismo psicofísico de Fechner, no final das contas abandonou os adendos de Fechner ao postulado empírico e buscou se contentar com explicação alguma – não só em termos da relação psicofísica, mas também para todas as relações entre fenômenos em toda a ciência. Mach quis restringir a ciência natural exclusivamente àquelas dependências funcionais neutras entre os fenômenos, que Fechner considerava apenas como um estágio provisório da psicofísica. Ao fazer isso, Mach quis banir as asserções causais não só da psicofísica, mas da física e da psicologia. Isso indica que o principal motivo para Mach rejeitar a explicação causal e o realismo científico surgiu de sua preocupação com a teoria mente-corpo, ao invés de seu trabalho em física ou de alguma animosidade basal para com os átomos. Isso também mostra que Fechner de fato (mesmo que não intencionalmente) liderou um movimento antimetafísico, cético com respeito à causalidade, que Mach compartilhou e levou adiante, e que posteriormente levou ao empirismo lógico e além (p. 172).

Basicamente, a visão da identidade do paralelismo psicofísico sustentava-se em quatro argumentos. Primeiro, nenhuma de nossas experiências nos compele a reconhecer a realidade de uma substância pensante independente de um suporte material de propriedades mentais. Segundo, o domínio dos fenômenos e processos físicos é causalmente fechado; isso significa que cada evento é causado por outro evento físico, e que na física não há “brechas” nas quais o mental pudesse “intervir” no físico. O mesmo vale para fenômenos no domínio psíquico: eles, por seu turno, só podem ser explicados em termos mentais. Terceiro, a lei de conservação de energia mostra que a energia física só pode ser transformada ou derivada de outra energia física. Portanto, o físico não pode afetar o mental, e nem vice-versa. E o quarto argumento a favor da visão da identidade – e que Fechner considerava o mais importante – é que ele é simples e frugal. Todos os outros adendos ao fato empírico básico da relação psicofísica são metafisicamente mais fortes do que a visão da identidade, porque, para os propósitos da explicação, eles envolvem mais causalidade do que a versão da identidade (pp. 172-3).

Em sua *terceira* forma, o paralelismo psicofísico é uma tese cosmológica que vai para além do escopo da vida humana. Ela afirma que mesmo processos inorgânicos possuem um lado psíquico. Fechner estava convencido de que nós podemos, raciocinando por analogia, supor de maneira plausível, de uma maneira cientificamente respeitável, que existe uma dimensão psíquica fora do domínio da experiência humana interior. Ele acreditava que sua visão de identidade se aplica não só para humanos e talvez animais, mas também para plantas, a Terra, os planetas e todo o universo. Seu argumento se baseava na premissa de que o mental não se correlaciona de maneira necessária com o sistema nervoso, mas pode ser realizado em outros sistemas materiais. [...]

A maneira pela qual Fechner destacou o paralelismo psicofísico neste terceiro tipo de paralelismo (tornando-se um completo panpsiquismo) levou muitos de seus contemporâneos a também rechaçar a sua visão da identidade – creio que injustamente – como sendo totalmente especulativa e despropositada. [...] Para evitar essa confusão com o panpsiquismo e explicitamente limitar o paralelismo psicofísico para seres humanos vivos, muitos autores preferem o termo paralelismo “psicofisiológico”, ao invés de “psicofísico” (p. 173).